

O adolescente de hoje e a psicanálise

1,65

Virginia Ungar*, Buenos Aires

O artigo postula que a adolescência como processo deve ser abordada de uma perspectiva que abranja o mundo interno, a provisão ambiental e o momento histórico-sócio-político em que o sujeito atravessa sua crise vital. Paciente e analista são seres socializados que respondem às condições da cultura de cada época.

O corpo tem uma presença contundente nesta etapa vital, e é assim que a adolescência pode ser considerada como paradigmática do enlaçamento do corporal, do psíquico e do social.

Para o trabalho analítico com pacientes desta idade, precisa-se de uma plasticidade especial que também tem que incluir a tentativa de compreender os códigos adolescentes. Neste sentido é abordado o tema de como os avanços tecnológicos chegam até nosso consultório e, da mesma maneira, a compreensão da sexualidade a partir dos pontos de vista arraigados nas novas configurações familiares.

No que se refere a este último ponto, postula-se a necessidade de diferenciar privacidade de intimidade, pensada esta última como aquele espaço mental onde se desenvolve a formação de símbolos. Há também uma referência aos quadros de latência prolongada, tão comuns nas consultas de nossos tempos.

Descritores: Adolescência. Subjetivação. Configurações familiares. Realidade virtual.

* Membro Efetivo da Associação Psicanalítica de Buenos Aires.

A adolescência é um período da vida que tem recebido muita atenção da psicanálise. Diferentes vértices foram usados em busca da compreensão, tanto da configuração evolutiva quanto das patologias mais comuns nessa época do desenvolvimento. Não podemos esquecer que uma das doenças mentais mais graves, como a esquizofrenia, começa nesse período da vida.

Muitos autores abordaram o tema trazendo importantes contribuições referentes à sexualidade – subordinação da pré-genitalidade à genitalidade –, ao luto pelos pais da infância, pelo corpo infantil, à revisão do conflito edípico à luz da genitalidade, aos processos de identificação, às desidentificações e à necessidade de um trabalho de historização. A adolescência é um momento de crise e, como tal, de oportunidade. Há um futuro pela frente e o/a jovem enfrenta a situação angustiante de ter que escolher; caminhos, estudos e parceiro/a encontram-se entre as questões centrais.

Atualmente a psicanálise não pode abordar o tema a partir de um único ponto de vista, seja ele o do mundo interno, da provisão ambiental ou do momento histórico-sócio-político no qual o sujeito atravessa sua crise vital. Embora cada uma destas posturas possua referenciais teóricos sustentáveis, tanto o paciente como o analista são seres socializados que respondem de uma maneira ou outra às condições da cultura de cada época.

Por outro lado, na adolescência ocorre a crise da relação do jovem com seu corpo; há, na mente, um grande impacto do pulsional (que tem, ao mesmo tempo, componentes reeditados e algo de novo). O corpo costuma aparecer como um estranho que um grande trabalho psíquico deverá integrar. Todos estes processos necessitam de um apoio externo inevitável. E por isso esta etapa vital constitui um paradigma do enlaçamento do corporal, do psíquico e do social.

Aqueles que trabalham com pacientes desta faixa etária sabem que o enquadre, nesta etapa, mais do que em nenhuma outra, precisa de uma plasticidade que permita receber os diferentes modos de comunicação dos adolescentes, entre os quais a linguagem de ação ocupa um lugar preponderante. Em nossa tarefa cotidiana, precisamos realizar um monitoramento frequente da relação transferência-contratransferência, o que requer uma espécie de observação do campo, ao mesmo tempo que dele participamos ativamente, para que possamos manter-nos nos limites de nosso método. Em um extremo da linha estão as transgressões e, no outro, a flexibilidade necessária para poder trabalhar com crianças e jovens.

Se recorrermos a uma noção do enquadre psicanalítico centrado no estado mental do analista, seguindo as ideias de Donald Meltzer (Meltzer, 1967),

poderemos afastar-nos de uma concepção do mesmo ligada aos parâmetros concretos de tempo e espaço, em relação a questões de número de sessões, pagamento das mesmas ou utilização de elementos que a atual tecnologia oferece. Esta ideia do estado mental do analista permite-nos uma postura mais solta em relação ao jovem paciente, sempre levando em consideração que uma interrupção da atenção flutuante com o surgimento de sentimentos, fantasias e inclusive registros de mal-estar corporal nos dará a indicação contratransferencial de que algo está ocorrendo na relação analítica.

A posição do analista de adolescentes não é nem um pouco simples. Encontrar um lugar onde não idealizemos ou, pelo contrário, não repudiemos o turbilhão adolescente e onde sejamos, além disso, capazes de sustentar a atitude analítica, obriga-nos a um esforço constante de trabalho sobre nossa contratransferência. Assim como a turbulência adolescente comove nossos consultórios como um reflexo do que ocorre no seio da família do paciente, a ausência desta crise evolutiva é também um sinal da época.

Hoje vemos chegar jovens com seus cabelos tingidos, seus *piercings*, seus transtornos alimentares, suas adições, enfim, a ampla gama de angústias e tramitações sintomáticas diante das intensas mudanças que sofrem. Mas chegam também *jovens velhos* que aparentemente cumprem aquilo que imaginam que se espera deles, mas, pouco depois de iniciado o trabalho analítico, percebe-se a falta de vitalidade e potência criativa, na contramão do que seu momento evolutivo poderia propiciar-lhes. Outro quadro presente na atualidade são os adolescentes cujo desenvolvimento fica detido no estado mental de latência, ao que farei referência mais adiante. O processo adolescente precisa do apoio ambiental (pais, familiares, professores, instituições) para poder dar vazão à necessidade de sair para descobrir o mundo, a tão mencionada passagem da endogamia para a exogamia.

Freud aborda diretamente esta questão em seu belo artigo *O romance familiar dos neuróticos* (Freud, S. 1909, p. 217). Diz ali que a tarefa que o desenvolvimento impõe à criança “[...] de se desprender da autoridade parental é uma das operações mais necessárias, porém das mais dolorosas do desenvolvimento”

Para acompanhar e tratar adolescentes é preciso se adotar a posição de tentar entender não apenas os sofrimentos, mas também os códigos do mundo do adolescente, ou seja, descobrir os códigos em que se institui a comunidade adolescente e que são próprios de cada época, de cada geração, de cada subcultura, sempre entrelaçados na história singular de cada indivíduo.

Às vezes os jovens de hoje pedem para começar uma terapia ou, pelo menos,

expressam o desejo de *falar com um psicólogo*. E, além das sessões, usam também outras formas de comunicação conosco, como mensagens de textos dos seus celulares, envio de emails, mostra de fotos, vídeos curtos, música. Negar esta realidade – a do impacto da tecnologia no nosso trabalho com jovens – seria ostentar uma cegueira diante das vertiginosas mudanças mostradas pela nossa cultura.

Sabemos que a psicanálise surgiu no auge da Idade Moderna, quando o paradigma da sexualidade denominada *normal* era constituído pelo modelo da família nuclear burguesa, monogâmica e heterossexual. Mas a família vem sofrendo mudanças inimagináveis, os adolescentes que nos consultam provêm, muitas vezes, de configurações familiares diversas: famílias acopladas, monoparentais, filhos de gravidez adolescente e, inclusive, filhos de casais gays adotados ou nascidos de fertilização assistida. Neste sentido, para que uma criança nasça, já não é requisito haver uma mãe, um pai e uma relação sexual entre eles. De alguma forma o óvulo e o espermatozóide se tornaram independentes do corpo da mãe ou do pai.

Os pacientes com quem trabalhamos nos forçam a situar-nos numa realidade que se empenha em mostrar que o modelo familiar tradicional perdeu vigência. Esse não é o ideal a que aspira a maioria dos jovens neste momento. Por outro lado, a força com que os meios audiovisuais se impõem, atravessando todas as couraças que antigamente *filtravam* alguns dos aspectos da realidade – tais como a escola, o clube, ou seja, as instituições –, provocou mudanças nos espaços de interação do adolescente. A grande marca de nossa época é o acesso direto a um discurso imediato através da internet, oferecido facilmente e cheio de opções. Agora o lugar de encontro é predominantemente virtual: textos, *chats*, *Facebook*, *Twitters*, *blogs*, *fotologs*, são algumas destas possibilidades. A internet oferece uma opção virtual – que costuma receber muitas críticas – para conectar-se com o mundo, para “conhecer” pessoas, para interagir, ter romances, participar de jogos com outros sem sequer dar-se a conhecer.

Longe de considerá-los nocivos a priori, prefiro pensar nestas interações em cada situação singular, que sempre vão depender do uso que se fizer delas. A situação de um jovem que passa grande parte do seu dia fechado em seu quarto, *conectado ao computador, à TV e à música nos seus fones de ouvido*, não é igual à daquele que, além de conversar nos *chats*, jogar na rede e assistir à televisão, sai, tem vida social e contatos com pessoas reais. Talvez soe um pouco audacioso, e já fiz essa proposta em outro trabalho, mas sugiro conceberem-se as interações nos espaços virtuais como lugares de experimentação dos vínculos, talvez como espaços transicionais no caminho de saída para o mundo adulto (Ungar, 2006).

Este é um tema que gera debates apaixonantes sobre questões como a perda de privacidade, a dificuldade de se conceber a noção de intimidade, o estímulo à onipotência e à onisciência. Um paciente pode procurar seu analista no Google e pesquisar detalhes de sua vida pessoal. Em um exemplo clínico apresentado no Congresso da IPA em Chicago, em julho de 2009, um analista americano, Glen Gabbard (2009), relatou como um paciente, cujo analista dividia seu consultório com uma analista mulher, rastreou na internet a declaração de impostos do mesmo, acessando dados como endereço particular, estado civil e outros. Logo passou a rastrear os dados da pessoa que compartilhava o consultório, descobrindo que moravam na mesma casa, mas que não eram casados, censurando duramente o analista pelo modelo que lhe estava dando. Este episódio foi adequadamente contido e interpretado, mas exemplifica a onipotência propiciada pelo acesso à privacidade, pela possibilidade de intrusão e de uso discriminado de certas informações.

Também é verdade que, embora não sendo nada simples, talvez uma das tarefas que tenhamos pela frente seja a de diferenciar conceitos como intimidade e privacidade. Acredito que, mesmo que a privacidade seja invadida pelos meios de comunicação, há um espaço, o da intimidade, que pode ser cuidado e preservado. No meu entendimento, esse se refere mais a uma questão ligada aos espaços mentais, à possibilidade de um indivíduo tomar contato com a existência de uma área da mente onde transcorrem as relações emocionais, que, segundo a teoria kleiniana/pós-kleiniana, está ligada à formação de símbolos.

A adolescência é, como em todas as épocas, um processo disruptivo e perturbador que sempre envolve oposição. O jovem deve realizar a passagem do mundo da família para o mundo dos adultos, habitando por algum tempo o mundo de seus pares, como explica Meltzer (1998). Em algum momento do processo, evolutivo terá que se inserir no mundo social, ou seja, o da cultura que lhe cabe viver. Em termos de mundo interno, devido à emergência dos impulsos sexuais, desmorona-se a estrutura tão trabalhosamente construída durante o período de latência com o uso de mecanismos obsessivos que montaram diques para conter os impulsos.

Há, inclusive, estudos provenientes da área da neurobiologia que, além de lembrar-nos que a espécie humana é a única que tem adolescência, mostram que as pesquisas por meio de imagens revelam que, durante esse período da vida, produz-se uma reorganização geral do cérebro. David Bainbridge, da Universidade de Cambridge, Inglaterra, opina, a partir destes estudos que, na adolescência, o essencial não seria concretizar a maturidade sexual, mas desenvolver a capacidade mental de negociar a paisagem psicológica e social que diferencia radicalmente a

vida humana da vida das outras espécies (Bainbridge, 2009).

De qualquer forma, a psicanálise continuará tendo muito a aportar sobre a adolescência, principalmente a partir da experiência clínica. Quando for possível avançar num processo analítico com um adolescente, a experiência deixará marcas em ambos os integrantes da dupla analítica. Poucas situações clínicas comovem dessa maneira os níveis infantis da personalidade do analista, poucas vezes se terá acesso aos níveis de turbulência emocional como quando se trabalha com jovens. Isto foi descrito com uma sutil beleza evocativa por Bion, quando, após referir-se aos desenhos de Leonardo da Vinci, nos quais a água faz redemoinhos tumultuados ou o cabelo aparece despenteado, e a Milton no *Paraíso Perdido*, escreve:

Desejo trazê-los aqui para que vocês possam invocar imagens similares de seu próprio patrimônio científico, artístico ou religioso, aquilo que for mais evocativo de um período mental de turbulência emocional similar àquele que é tratado pelos psicanalistas. Não enfatizo a concepção da adolescência porque, para a maioria dos psicanalistas, este conceito é excessivamente forte; a latência é frágil demais. Gostaria que os analistas recuperassem aqueles períodos de tumulto mental que invocam o que há de mais turbulento neles próprios (Bion, 1976, p. 220).

Assim como o trabalho analítico com jovens provoca violenta comoção nas estruturas infantis do analista, nos casos em que a situação analítica consegue instalar-se, o processo fortalece a atitude analítica do terapeuta e é possível acessar níveis de vitalidade e criatividade pouco frequentes. Em outras palavras, e mesmo que pareça um lugar comum, esta etapa da vida é de crise e de oportunidade. O aspecto de crise faz referência à turbulência gerada pelo desmantelamento do sistema que se construiu durante a latência, à queda da ilusão de que seus pais sabiam tudo, ao questionamento dos modelos oferecidos e ao reinado de uma grande confusão.

Na psicanálise há bibliografia de excelente nível sobre as patologias adolescentes, partindo dos quadros mais neuróticos, passando por aqueles que se centram no protagonismo do corpo (entre eles os transtornos alimentares), detendo-se nos quadros aditivos e chegando ao pólo das psicoses, sendo a esquizofrenia a mais severa delas. Como mencionei anteriormente, atualmente há patologias durante a adolescência e, inclusive, durante a idade adulta precoce – consideradas de um ponto de vista cronológico – que têm a ver com a dificuldade ou com a impossibilidade de se viver a necessária crise adolescente.

Há estudos interdisciplinares que indicam a existência de uma grande porcentagem da população de aproximadamente trinta anos de idade que ainda mora com seus pais, veste-se de maneira similar aos púberes, assiste a programas de TV dirigidos à infância – como os desenhos animados –, joga videogames, coleciona revistas de super-heróis e até decora seus quartos com os bonecos das séries de televisão que fazem sucesso no momento.

Além disso, os especialistas em marketing cunharam o termo *adultescents* para fazer referência aos adultos jovens que estendem o período de sua dependência dos pais. Não é raro que os estudos provenham do campo de quem estuda as tendências da época, já que, como é sabido, o alvo do consumo hoje são os jovens, entronizados em nossos tempos pelos ideais de uma eterna juventude, como constatamos simplesmente ao observarmos as pautas publicitárias.

O tema nos interessa e preocupa, já que muitas consultas provêm de pais preocupados com esta situação, o que nos deixa, a nós, psicanalistas, um espaço para reflexão. Do nosso ponto de vista, é fácil inferir que, observáveis no nível da conduta, trata-se de epifenômenos de mudanças profundas nos modelos de criação e, portanto, consequência de transformações no desenvolvimento dos indivíduos.

De outro ponto de vista, a adolescência é vista como a passagem da endogamia para a exogamia, da vida em família para a construção de sua própria vida, do aparecimento dos projetos próprios. A *migração* do mundo da infância para a inserção social implica a possibilidade de se encontrar um lugar no mundo. É nesta saída que o adolescente de hoje encontra um mundo externo ameaçador e desprovido de garantias. O temor do jovem não se limita ao medo face ao desconhecido. O mundo hoje é concretamente ameaçador com altíssimos níveis de violência e com um panorama desolador no que se refere às oportunidades de emprego.

Diante deste quadro, os assim chamados *adultescents* pelas teorias do marketing, ou *latências prolongadas*, como prefiro denominá-los, são jovens que ficaram fixados no mundo das *crianças na família*. Permanecem em um estado de *espera*, apoiados numa teoria segundo a qual tudo o que se pode fazer é esperar que os pais os introduzam no mundo adulto. São adolescentes ou adultos jovens de um ponto de vista cronológico, mas ainda permanecem na infância no sentido emocional.

Acredito que o período de dependência dos pais é prolongado devido a fatores singulares internos e porque o mundo se mostra hostil à possibilidade de um projeto pessoal. Em nossa região, e talvez em quase todo o mundo, é muito difícil que um jovem de classe média com mais de vinte e cinco anos possa subsistir por seus próprios meios.

Neste ponto é necessário um esclarecimento. É muito importante fazer-se uma avaliação da situação emocional do jovem em questão. Nesta configuração descrita, podem-se situar defensivamente casos de fobias ao contato, depressões sérias, dificuldades na comunicação, transtornos da imagem corporal e até adições, quando não transtornos mais severos, da série que leva ao isolamento. É por isso que, embora seja possível generalizar, os profissionais que trabalham com pessoas em desenvolvimento precisam identificar, no momento da consulta, a singularidade de cada um, sempre levando em consideração o ambiente, a família e a situação de cada um no meio em que habita.

Por outro lado, minha opinião é que as mudanças da época vão se refletir em mudanças na teoria psicanalítica. Na técnica, já estamos vivendo essas mudanças. Como vimos, os pacientes comunicam que estão atrasados por SMS, enviam vídeos do *You-Tube*, às vezes enviam e-mails e nós, analistas, apesar de provavelmente não usarmos os mesmos códigos, aceitamos estas realidades.

As mudanças teóricas vão levar mais tempo. Como dizem os historiadores, não se pode escrever a História enquanto ela está ocorrendo, é preciso certa distância para observar as mudanças, descrevê-las e pensá-las. De qualquer maneira, tenho a impressão de que os mecanismos mentais usados pelas crianças e pelos adolescentes de nossa época estão mais próximos da cisão ou *splitting* do que da repressão. Isso não significa que eu considere que não se usa a repressão, mas o tipo de interação midiática pelo qual um jovem pode estar assistindo à televisão, conversando no *chat*, assistindo a um vídeo do *YouTube* e enviando um SMS pelo celular é melhor entendido por mim como um *splitting* e dissociação de diversos níveis do self que lhe permitem dispersar (ou concentrar?) a atenção em várias coisas ao mesmo tempo.

Da mesma forma podemos pensar sobre a prevalência da imagem, tão característica do momento atual e que expressa a sua importância para os jovens, que estão tramitando a angústia pela perda da representação de si próprios e de seu corpo infantil numa mudança acelerada que o mundo interno não consegue absorver. Precisam ser olhados e reafirmados pelos outros – seus pares – que, como espelhos falantes, lhes devolvem algo com suas mensagens, algo que, mesmo sendo quase sempre confuso e infantil, traz certa calma à angústia ligada ao vazio da existência. Isso é o que se reflete no auge inusitado e incalculável em números de acessos nos *photoblogs*, *My Space* ou *Facebook*, entre outros.

Um eixo fundamental na psicanálise, o da sexualidade, também é considerado central ao se pensar a adolescência. Desde Freud sabemos que o eixo da subjetividade, da identidade, encontra-se na sexualidade. Por outro lado, nossa clínica mostra-nos que a concepção freudiana da mesma está sofrendo mudanças.

Considero interessante questionar-nos, por exemplo, se a idéia de repressão sexual, própria da concepção vitoriana da época de Freud, continua sendo o mecanismo princeps na atualidade, tal como questionamos, de igual maneira, a relação com os meios audiovisuais.

Neste ponto são revalorizadas as idéias de autores como Meltzer, que descentra a questão da sexualidade do plano da conduta para colocar ênfase nos *estados sexuais da mente* (Meltzer, 1973), dando prevalência à emocionalidade envolvida na sexualidade infantil, que pode ser polimorfa ou perversa conforme predominar a intencionalidade destrutiva (sexualidade perversa) ou a excitação e sensualidade (sexualidade polimorfa). Meltzer reserva o conceito de sexualidade adulta para aqueles estados mentais nos quais predomina a discriminação, o reconhecimento da alteridade e a identificação introjetiva inconsciente com os pais internos numa cena primária criativa.

A psicanálise tem diante de si a grande tarefa de encontrar a definição para os mecanismos mentais que prevalecem em nossa época em relação à sexualidade, para dar conta do que vemos em nossa clínica com pacientes jovens. O que aparece no consultório é um tipo de experimentação que a comunidade adolescente defende com a premissa de que há uma maior liberdade, mas que se mostra muito apartada da emocionalidade. A propósito, nota-se que, entre as meninas, as que têm um papel de liderança são, quase sempre, as que voltam do fim de semana com uma lista dos meninos com quem *ficaram*, e esta expressão exclui drasticamente a existência de qualquer laço afetivo com o jovem em questão.

Nesta época, durante a adolescência inicial, os jovens devem passar por certas experiências que podem, inclusive, ser tomadas como equivalentes aos ritos de iniciação de diferentes épocas e culturas. Elas podem consistir na troca de beijos com alguém que acabam de conhecer – não necessariamente de gênero diferente –, em beber álcool até perder a consciência ou fumar maconha, entre outros. Há alguns anos, rotular um adolescente de homossexual era um insulto; agora, pelo contrário, pode chegar a ser considerado um status interessante, principalmente nas mulheres.

Para concluir, acredito que devemos estar conscientes de que a cultura do imediatismo exige mudanças rápidas, pressiona a que se alcancem melhoras sintomáticas, à brevidade dos tratamentos, ao *sucesso* das crianças e dos jovens. Aqui se impõe a postura do analista, para quem o tratamento analítico não deve ter nenhuma meta além da de ajudar o processo natural de desenvolvimento naqueles pacientes que mostram um déficit nesta área, ou de aliviar os sintomas e o sofrimento mental que, no caso dos que ainda dependem de suas famílias, afetam a todos. Qualquer outra expectativa de “sucesso” pessoal ou acadêmico cai no

campo das resistências do analista, resistências ao inconsciente e à liberdade de cada sujeito de escolher conforme o seu desejo. □

Abstract

The adolescent of today and psychoanalysis

The paper states that adolescence as a process must be approached from a perspective which encompasses the internal world, the environmental provision and the historical-socio-political moment in which the subject lives the vital crisis.

Patient and analyst are socialized beings who respond to cultural conditions of each period.

The body has a crucial presence during this vital period, and it is thus that adolescence may be considered a paradigm of the interweaving of body, psychic and social.

For the analytical work with teenagers, we need a special plasticity which also has to include the attempt at understanding adolescent codes. The subject of how technologic advances enter our offices is thus approached as well as the understanding of sexuality from the vantage points of the new family configurations.

On this last subject, the need to differentiate privacy from intimacy is postulated, intimacy being considered that mental space where symbols are formed. There is a reference to the prolonged latency states, so common in our offices in present times.

Keywords: Adolescence. Subjectivation. Family configuration. Virtual reality.

Resumen

El adolescente de hoy y el psicoanálisis

El artículo postula que la adolescencia como proceso debe ser enfocada desde una perspectiva que abarque al mundo interno, a la provisión ambiental y al momento histórico-socio-político en que el sujeto atraviesa su crisis vital. Paciente y analista son seres socializados que responden a las condiciones de la cultura de cada época.

El cuerpo tiene una presencia contundente en esta etapa vital, y es así que la adolescencia puede ser considerada como paradigmática del anudamiento de lo corporal, lo psíquico y lo social.

Para el trabajo analítico con pacientes de esta edad se necesita una especial

plasticidad que también tiene que incluir el intento de se comprender los códigos adolescentes. En este sentido se trata el tema de cómo los avances tecnológicos llegan hasta nuestro consultorio y de la misma manera la comprensión de la sexualidad desde los puntos de vista originados en las nuevas configuraciones familiares.

En relación a esto, se postula la necesidad de diferenciar privacidad de intimidad, pensada esta última como aquel espacio mental en que se desarrolla la formación de símbolos.

Hay una referencia también a los cuadros de latencia prolongada, tan comunes en las consultas de nuestros tiempos.

Palabras llave: Adolescencia. Subjetivación. Configuraciones familiares. Realidad virtual.

Referências

- BAINBRIDGE, D. (2009). Nota publicada no jornal *La Nación*, 16 de agosto de 2009.
- BION, W.R. (1976) "Turbulencia emocional", em *Seminarios clínicos y cuatro textos*. Buenos Aires: Lugar editorial, 1992.
- FREUD, S. (1909) *La novela familiar de los neuróticos* Buenos Aires: Amorrortu, vol. IX, 1976.
- GABBARD, G. (2009). Palestra no painel "El lugar de la realidad virtual en el psicoanálisis" 46^o *Congreso da Associação Psicanalítica Internacional*, sexta-feira 31 de julho de 2009, Chicago, USA.
- MELTZER, D. (1967). *El Proceso Psicoanalítico*. Buenos Aires: Hormé, 1968.
- _____. (1973) *Estados Sexuales de la mente*. Buenos Aires: Kargieman, 1974.
- _____. (1993) *Adolescentes*. Buenos Aires: Spatia, 1998.
- _____. (2006) La tarea clínica con adolescentes hoy. In: *Adolescencias: Trayectorias turbulentas*. Buenos Aires: Paidós.

Recebido em 24/08/2009

Aceito em 01/09/2009

Tradução de **Beatriz Affonso Neves**

Revisão técnica de **Patrícia Fabrício Lago**

Virginia Ungar

Republica de La Índia 2924, Piso 11

1425 Buenos Aires – Argentina

e-mail: virginiaungar@gmail.com

© Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA